

LARA, G. M. P.; LIMBERTI, R. C. P. (Orgs). **Representações do outro**: discurso, (des)igualdade e exclusão. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016. 279 p.

Resenhado por Gersiney Santos¹
(Universidade de Brasília – UnB)

Das muitas reflexões realizadas sobre mundo social e cidadania, tratar do que percebemos socialmente por diferença é, sem dúvida, um dos empreendimentos humanos mais complexos. Olhar com atenção e abertura ‘o outro’, portanto, torna-se um exercício que requer, de antemão, aceitar uma multiplicidade de questões e pontos de vista, perpassadas inclusive pela linguagem. Composta de catorze artigos originais, o livro é apresentado pelas organizadoras Glaucia Muniz Proença Lara e Rita de Cássia Pacheco Limberti com uma proposta marcadamente voltada para alteridade(s) – ou, como elas mesmas identificam, o “outro”, “sujeitos destituídos de fala (...)” (p. 7). Cada capítulo oferece, destarte, de modo particular, uma instigante mirada para a diferença e suas complexidades.

No **capítulo 1**, “Identidade nacional e exclusão”, José Luiz Fiorin oferece uma viagem reflexiva sobre nossas origens identitárias utilizando, para isso, o recurso literário (mas com fortes ecos sociológicos). Por meio de nomes de grande vulto da literatura nacional, o texto discute como obras célebres desses autores formaram concepções problemáticas acerca do entendimento de pretos e pardos no País. O texto comprova como o Brasil tem arraigado em sua estrutura um discurso de distanciamento e/ou de violência com a figura do negro, uma vez que os livros mencionados são títulos socialmente incensados e tidos como referência de literatura nacional.

No **capítulo 2**, “Reflexões sobre o ensino de literaturas africanas de língua portuguesa no Brasil”, Iris Maria da Costa Amâncio e Aracy Alves Martins fazem um percurso reflexivo acerca das especificidades da literatura de referência africana e afro-brasileira. Com um texto repleto de menções mais voltadas ao gênero legal do que ao literário, as autoras questionam o trabalho com a literatura em sala de aula que ratifica “um funcionamento vicioso, por meio do qual a noção de ‘sistema literário’ privilegia autores eurodescendentes” (p. 34) e que, conseqüentemente, apaga as “africanidades” e “afro-brasilidades” (p. 28) existentes e legalmente estabelecidas.

Arnaldo Cortina é o responsável pelo **capítulo 3**: em “O enunciatário homossexual e o heterossexual no discurso da propaganda”, o autor desenvolve uma rica análise semiótica referente à publicidade voltada ao público masculino homossexual e heterossexual. O texto – que exemplifica a

¹ Doutor em Linguística pela Universidade de Brasília (UnB); membro da Rede Latino-Americana de Análise de Discurso Crítica sobre a Pobreza Extrema (REDLAD); participa do Núcleo de Estudos de Linguagem e Sociedade (NELiS) do Centro de Estudos Avançados Multidisciplinares (CEAM) da UnB; além de fazer parte do Laboratório de Estudos Críticos da UnB (LabEC-UnB).

harmonia entre em teoria e sua aplicação analítica – discorre sobre a semiótica discursiva e sua aplicação em objetos midiáticos, focando nos detalhes que marcam traços discursivos voltados a estereótipos (para ambos os públicos). Apesar de não problematizar outros recortes, como o racial e o de gênero durante as reflexões, teoria e prática são apresentadas de maneira contundente.

O **capítulo 4**, intitulado “Escutando o ‘excluído’: uma análise de entrevistas com pessoas ‘sem domicílio fixo’”, trata de um trabalho desenvolvido sob a ótica da análise de discurso e da psicanálise, na França e no Brasil. Os autores Emille Née, Frédéric Pugniere-Saavedra e Fernando Hartmann mostram, por meio de interações desenvolvidas com pessoas em condição de extrema pobreza, o desconforto discursivo do processo de entrevistas. A emergência de determinados elementos discursivos de identificação apresentados no texto confirma toda a problemática delas – complexidade concretizada no modo como representam e identificam a si mesmas durante as entrevistas. Ademais, o texto trabalha o dilema de ser pesquisador e reconhecer-se em nova(s) alteridade(s).

Em “Exclusão e (re)construção identitária na areia”, Patrick Dhalet debruça-se sobre a trajetória do “Profeta” – segundo o texto, “um sem-teto” que compartilhou partes de sua vida com o autor. O **capítulo 5**, assim, pode ser visto como um texto algo denso que une uma narrativa da filosofia da linguagem à psicanálise lacaniana, aplicando tais reflexões sobre o que representou discursivamente o colaborador em situação de vulnerabilidade social. No texto, é desenvolvida uma análise de discurso baseada em um depoimento de pessoa em situação de rua para observar como, no discurso, o indivíduo inserido no contexto de pobreza extrema constrói sua própria subjetividade – o que conecta o título a todo o texto.

No **capítulo 6**, Maria Clara Maciel de Araújo Ribeiro e Gláucia Muniz Proença Lara apresentam no texto “Discurso acadêmico e ativismo social na comunidade surda” um debate sobre o local do/a pesquisador/a na relação com a causa que ele/a estuda. O texto é um dos mais elucidativos da obra ao, por meio de uma análise de discurso com diversos excertos, comprovar a existência de uma tensão discursiva, bem como a necessidade de atenção para os movimentos de protagonismo que ocorrentes no âmbito acadêmico (de forma claramente posicionada).

Seguindo, no **capítulo 7**, intitulado “A discriminação dos ciganos na imprensa francesa”, o foco é voltado para a questão cigana na atualidade – ainda que na perspectiva da França. Pela tradução de Clebson Luiz de Brito, Béatrice Turpin discute como a comunidade Rom teve sua representação construída midiaticamente de maneira equivocada e como isso impactou e impacta a realidade dessa população no país.

“Opressão e resistência nas relações interculturais Brasil/Paraguai” é o texto do **capítulo 8**. Nele, Rita de Cássia Pacheco Limberti promove uma reflexão acerca do entendimento mais ampliado

de diferença partindo da perspectiva reflexiva dos limites, ou melhor, das “fronteiras”. Para tanto, a autora recorre à situação das crianças paraguaias e brasileiras das cidades de Pedro Juan Caballero e Ponta Porã em sua percepção identitária dentro de um plano oficial de formação de uma comunidade bilíngue. A autora lança luz para a instituição escola como espaço de opressão e de manutenção de discursos hegemônicos.

Sob tradução de Tânia Maria de Oliveira Gomes e Glaucia Muniz Proença Lara, o texto “Reprodução de exclusões sociais: a vítima da desapropriação de terras em *Semana.com*” dá título ao **capítulo 9**. A autora, Neyla Graciela Pardo Abril, discute a realidade da Colômbia em relação à representação midiática referente à desapropriação de terras. Tomando como objeto uma notícia veiculada no sítio oficial de um conhecido periódico de seu país, a autora apresenta interpretações críticas referentes a representação e a identificação na construção discursiva das vítimas – assim como o impacto dos efeitos de poder nesses/as cidadãos/ãs.

O **capítulo 10**, escrito por María Laura Pardo e María Valentina Noblía (com tradução de Tânia Maria de Oliveira Gomes e Glaucia Muniz Proença Lara), versa sobre pobreza e violência urbana. Intitulado “O discurso sobre a criminalidade no YouTube: juventude e estigma”, nele, é apresentado um panorama analítico acerca das recontextualizações de noticiários sobre violência juvenil feitas por usuários/as do famoso serviço de *streaming YouTube*. O aspecto linguístico é localizado no capítulo como essencial, tendo como norte o Método Sincrônico-Diacrônico de Análise Linguística de Textos (MSDALT).

No **capítulo 11** – “Representações discursivas das mídias sobre as favelas” –, Wander Emediato discorre sobre a compreensão semântico-discursiva da identidade do indivíduo inserido no contexto de comunidades economicamente desfavorecidas. Inicialmente, o autor apresenta uma viagem etimológica na qual termos ideológicos passam a ocupar a argumentação principal do texto: tal movimento parece ser estratégico pelo impacto de sentidos que opera. Seguindo em uma argumentação didática, o texto passa a desvelar as difíceis relações entre mídia hegemônica e quem o autor define como “excluídos” – para consolidar a ponte com uma análise estritamente discursiva da questão.

O **capítulo 12**, “Discurso, silêncio e identidade indígena”, a autora Aline Saddi Chaves e o autor Marlon Leal Rodrigues abordam a questão indígena no episódio do embate pela retomada das terras Terena pelos indígenas do Mato Grosso do Sul em 2013. O texto pode ser observado a partir de da perspectiva teórica (na qual, como de praxe, a autora disserta sobre suas escolhas epistemológicas) e da perspectiva de luta indígena (em que é demonstrado um esforço por contextualizar a condição do indígena e, principalmente, sua luta diante dos constantes conflitos territoriais).

Com o título “A exclusão pela morte: suicídio no trabalho”, o texto de Alain Rabatel – traduzido por Clebson Luiz de Brito e Aline Saddi Chaves – aborda um tema ainda tabu em nossa sociedade: o suicídio. Tomando como referência um caso emblemático ocorrido na França entre os anos de 2008 e 2009, no **Capítulo 13**, o autor tece reflexões acerca da representação (ou, como o autor prefere, a “re(a)presentação”) do suicídio pela imprensa escrita daquele país, em uma análise esclarecedora.

O **capítulo 14** finaliza o livro tratando com vigor discursivo “O preconceito contra os nordestinos nas redes sociais”, trazendo luz para a emergência de discursos separatistas baseados em visões estereotipadas quanto à população nordestina. O foco dado recai nas redes sociais durante as eleições presidenciais de 2010 e 2014. Utilizando o lexema (ou o “significante”) ‘Nordeste’, os autores Argus Romero Abreu de Moraes e Renato de Mello apresentam uma análise de discurso harmonizada com estudos cognitivistas de sete enunciados retirados das redes sociais *Twitter* e *Facebook*. O trabalho dá grande destaque para os modos como a metáfora alcança desempenhar funções múltiplas na construção de sentidos.

A publicação “Representações do outro: discurso, (des)igualdade e exclusão” constrói e oferece um caleidoscópio social que promove a percepção atenta ao papel desempenhado pelos discursos nos embates sociais entre opressores e os/as que estão oprimidos/as. Desse modo, a partir de diferentes vieses, o proposto mergulho na alteridade acontece. Trata-se, certamente, de um exemplo de leitura (literalmente) construtiva.

Recebido em: agosto de 2017
Aprovado em: setembro de 2017
gersiney@gmail.com
[DOI: 10.26512/les.v18i3.7455](https://doi.org/10.26512/les.v18i3.7455)